

Introdução

Tanto do ponto de vista mais abrangente, mais global, como do ponto de vista mais regional, o artesanato tem sido considerado como uma atividade que gera amplo desenvolvimento. A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO¹, *tem uma visão global e integrada do papel cultural, social e econômico do artesanato na vida da comunidade, povos e países*. A estratégia adotada pela UNESCO visa a preservação e o fortalecimento do artesanato, através da promoção da aproximação e do diálogo entre artesanato e design, como aspectos separados, mas interdependentes da mesma realidade criativa e econômica. Yair² denomina esta estratégia como *alianças lucrativas*. De acordo com o Relatório da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento da UNESCO³, *estima-se que o artesanato represente cerca de um quarto das microempresas no mundo em desenvolvimento*.

Nos dados apresentados em 2002 pelo Programa do Artesanato Brasileiro – PAB⁴, do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior - MDIC, o segmento artesa-

1 UNESCO has a global and integrated vision of the cultural, social and economic role played by handicrafts in the community life peoples and countries. UNESCO. Handcrafts and Design; Handicrafts; Seal of Excellence Programme. Disponível em: <http://portal.unesco.org>. Acesso em: 08 out. 2005.

2 YAIR, Karen et al. Crafting competitive advantage: crafts knowledge as a strategic resource. *Design Studies*. Great Britain: Elsevier Science Ltd. n. 22. p.377-394. 2001.

3 CUÉLLAR, Javier Pérez de (org.). Nossa diversidade criadora: Relatório da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento. Brasília: UNESCO / Papyrus Editora. 1997.

4 PROGRAMA DO ARTESANATO BRASILEIRO. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Brasília. Disponível em: <http://pab.desenvolvimento.gov.br>. Acesso em setembro de 2002.

nal brasileiro envolve 8,5 milhões de pessoas em suas cadeias produtivas⁵, movimentando cerca de R\$ 28 bilhões por ano. O artesanato constrói a sua própria cadeia produtiva ao mesmo tempo em que está integrado a outros sistemas produtivos, dentre os quais pode ser destacado o turismo e a agricultura familiar.

A variedade da produção artesanal impressiona⁶. São fabricados objetos oriundos das mais diversas matérias-primas como fibras, algodão, argila, pedras, metais, plumagem, madeiras, materiais alternativos e reciclados, aliadas a outras tantas manifestações artísticas, culturais e de trabalhos manuais.

*O Artesanato Brasileiro é um setor da economia cujo crescimento possui alto potencial de geração de trabalho e renda, de maneira descentralizada. Considerando a peculiaridade e a relevância de cada um dos elos de sua cadeia produtiva que são: o manejo da matéria-prima, a produção, a divulgação e a comercialização do produto artesanal tanto no mercado interno quanto no internacional, surgiu a demanda por um apoio governamental que possibilite, além da geração de ocupação e renda, a preservação da cultura brasileira em cada momento da elaboração do produto.*⁷

Praticamente todos os projetos ou programas que objetivam a qualificação do segmento produtivo artesanal são iniciativas institucionais, dentre as quais podemos citar o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE, o Instituto Centro de Capacitação e Apoio ao Empreendedor – Centro CAPE, o PAB, e a Empresa de Assistência e Extensão Rural – EMATER, todos geralmente vinculados a órgãos da administração pública estadual e/ou municipal. O objetivo é oferecer peças artesanais diferenciadas para o consumidor, treinar e capacitar artesãos, otimizar a produção e resgatar ofícios tradicionais.

Um exemplo que demonstra a preocupação com o desenvolvimento do artesanato é o *Seal of Excellence for Handicrafts Products*⁸. O objetivo deste selo é tornar-se um mecanismo de controle de qualidade e planejamento de mercado que garanta a excelência do artesanato tradicional e dos produtos artesanais inovadores. Outro exemplo é a criação do Instituto Qualidade Sustentável – IQS, uma organização criada com a missão de desenvolver processos de certificação de sistema de gestão, produção e produtos para todo o setor artesanal brasileiro. Seguindo uma tendência mundial de estabelecer diferenciais de qualificação, este projeto de certificação está sendo desenvolvido baseado em critérios estruturados para abranger a sustentabilidade ambiental, segurança, a dimensão social e a capacidade empreendedora. A concessão do *Selo IQS – Qualidade Artesanal* visa proporcionar dife-

5 Cadeia produtiva - Cadeias produtivas referem-se ao conjunto de etapas pelas quais passam e vão sendo transformados e transferidos os diversos insumos, em ciclos de produção, distribuição e comercialização de bens e serviços. Implicam divisão de trabalho, na qual cada agente ou conjunto de agentes realiza etapas distintas do processo produtivo (SEBRAE, 2005).

6 MDIC. APEX – Made in Brazil. MDIC, 2002

7 PROGRAMA DO ARTESANATO BRASILEIRO. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Brasília. Disponível em <http://pab.desenvolvimento.gov.br>. Acesso em agosto de 2007.

8 UNESCO. Handicrafts and Design; Handicrafts; Seal of Excellence Programme. Disponível em: <http://portal.unesco.org>. Acesso em: 08 out. 2005.

rencial de mercado para os produtos, melhor organização do processo de produção, maior possibilidade de capacitação das pessoas e maior confiabilidade na qualidade do produto⁹.

Outro exemplo é a criação, em 2004, do Centro de Tecnologia da Produção Artesanal – CTPA, parceria entre a Universidade Federal de São João Del Rei - UFSJ, a Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior de Minas Gerais e o Centro CAPE, com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais – FAPEMIG. O CTPA, instalado no campus da UFSJ, consiste na instalação de um laboratório-oficina-escola que desenvolverá pesquisas tecnológicas buscando a melhoria dos materiais usados nos produtos artesanais e de seus processos de produção, a certificação de peças artesanais para exportação, bem como promoverá o treinamento e a capacitação para artesãos. Concomitante à criação do CTPA e integrando-se à sua equipe, foi instituído junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, o Grupo de Pesquisa de Base Artesanal - GPBArte, de caráter institucional e multidisciplinar, formado por professores, pesquisadores associados e estudantes da UFSJ, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, e da Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG. O GPBArte tem como objeto de pesquisa aspectos técnicos, organizacionais e sociais em aglomerados produtivos de base artesanal¹⁰.

As peças artesanais diferenciam-se pela matéria-prima, por uma técnica apurada e pelos valores culturais, sejam eles religiosos, folclóricos ou tradicionais, apresentando aspectos característicos de cada região. *O artesanato, baseado no legado de tradições passadas que se renovam em cada geração, constitui um verdadeiro “patrimônio vivo”*¹¹. A capacitação trata de preparar os artesãos para a abertura do mercado, ou seja, para a organização destes profissionais através da formação de associações ou cooperativas, para o conhecimento da sua cadeia produtiva, para o processo de inserção dos produtos no mercado nacional e internacional, enfim, para os aspectos que integram a qualidade final do produto, além de atender aos quesitos de funcionalidade e acabamento, e que venham a reforçar o caráter empreendedor do artesão num setor produtivo cada vez mais competitivo.

*Atualmente, o “fazer manual” está valorizado. O artesanato é a contrapartida à massificação e uniformização de produtos globalizados ... Os consumidores têm buscado peças diferenciadas e originais em todos os segmentos.*¹²

O aumento da receptividade dos produtos artesanais pelo mercado vem intensificando a produção e este é um ponto que tem merecido atenção no tocante ao planejamento, organização e condições de trabalho. Em muitos casos a produção está sendo intensificada e as circunstâncias e recursos produtivos continuam os mesmos. Em observações de campo foi possível verificar que, onde antes o artesão produzia uma ou duas peças por semana, agora, com o aumento da demanda, ele passou a produzir de 8 a 10 peças, como em alguns casos da tecelagem e da cerâmica, por exemplo, dentre outras técnicas produtivas. Todas

9 CENTRO CAPE. IQS e Banco do Povo. Disponível em: <http://www.centrocape.org.br>. Acesso em: 09 out. 2005.

10 ABREU, J. C.. Estratégia e oportunidades locais: um estudo sobre rede dinâmica em aglomerados de empreendedores de base artesanal. Tese de D.Sc., COPPE/UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. 2002.

11 CUÉLLAR, Javier Pérez de (org.). *Nossa diversidade criadora: Relatório da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento*. Brasília: UNESCO / Papyrus Editora. 1997.

12 PROGRAMA SEBRAE DE ARTESANATO. *Termo de Referência*. Brasília: SEBRAE/UF. 2004.

estas ações de cunho produtivo têm, ou deveriam ter, como premissa, o respeito aos valores socioculturais e técnicos do artesão, pois atualmente são estes os valores que carregam consigo os aspectos diferenciais demandados pelos consumidores de artesanato.

No planejamento de programas de capacitação percebe-se, muitas vezes, certa precariedade dos diagnósticos apresentados sobre os municípios ou comunidades a serem trabalhados, no tocante às atividades de design e artesanato. Até bem pouco tempo o foco estava no artesão; depois a atenção foi para o produto. Se considerarmos que a principal característica do artesanato é a de oferecer ao mercado um produto feito a mão, este foco deveria estar voltado para ambos – artesão e produto, conforme será discutido no decorrer desta pesquisa. Durante a participação em campo em vários projetos institucionais (capítulo 4), foi possível observar que os diagnósticos eram realizados, na maioria das vezes, sem a contribuição direta de profissionais de design de produto, principalmente com o enfoque na produção, ou seja, com o olhar direcionado para a oferta de matéria-prima, para o artesão-produtor e o processo produtivo, para o mercado e para a cadeia produtiva.

Outra questão que vem sendo discutida mais recentemente é a rigidez metodológica imposta para a etapa de desenvolvimento de produtos em função de padrões institucionais de atuação e o seu formato estanque. Não há a possibilidade de trabalhar a capacitação de artesãos de forma pasteurizada, impassível e padronizada. A flexibilidade é outra característica importante neste segmento produtivo¹³. A atividade de desenvolvimento de produto artesanal é um trabalho de construção de conhecimentos, tanto para o artesão como para o designer de produto. Conforme Gui Bonsiepe¹⁴, a ação interdisciplinar no processo de trabalho demanda a revisão de métodos, e as experiências relatadas por Vinaccia¹⁵ e Barraza¹⁶ demonstram a possibilidade desta adequação em situações particulares do trabalho artesanal.

A produção artesanal já se apresenta, em muitos casos, sob formas jurídicas, principalmente como cooperativas, no mesmo plano que micro e pequenas empresas, com necessidades semelhantes – adequação do produto final às tendências de mercado e a novas funcionalidades, adaptação do processo produtivo, equipamentos e tecnologias de produção e utilização de novas matérias-primas. Este novo enfoque, com respeito às suas peculiaridades simbólicas e culturais do setor artesanal, vem quebrando preconceitos e resistências, e projetos voltados para a produção, design e artesanato começam a ser discutidos e iniciados também no meio acadêmico, com o objetivo de realizar estudos que contribuam para o desenvolvimento do setor e para a formação de alunos que optem por atuar nesta área.

A partir do cenário exposto, o objetivo deste trabalho é (1) buscar compreender os princípios e as particularidades da produção artesanal, para a (2) geração de estratégias mais apro-

13 DORFLES, Gillo. *El Diseño Industrial y su Estética*. Barcelona: Editorial Labor S. A. 1978. YAIR, Karen et al. Crafting competitive advantage: crafts knowledge as a strategic resource. *Design Studies*. Great Britain: Elsevier Science Ltd. n. 22. p.377-394. 2001.

14 BONSIPE, Gui. *Tendências no Discurso do Design*. In: Fórum Internacional Design e Diversidade Cultural - ANAIS. Florianópolis. FIESC, SENAI e Laboratório Brasileiro de Design Industrial. 1995. p 111-116. 1995.

15 VINACCIA, Giulio. *Design e Diversidade Cultural*. Fórum Internacional Design e Diversidade Cultural - Anais. Florianópolis: FIESC, SENAI e Laboratório Brasileiro de Design Industrial. p. 41-46. 1995.

16 BARRAZA, John Chalmers. *Design, Artesanato e Desenvolvimento Regional*. Fórum Internacional Design e Diversidade Cultural - Anais. 1995. FIESC, SENAI e Laboratório Brasileiro de Design Industrial. Florianópolis. p 29-31. 1995.

priadas à adequada organização de um segmento representativo social e economicamente, gerador de benefícios reais de sustentabilidade diante de um cenário que tem se apresentado como promissor. O setor artesanal, que apesar de ser um sistema produtivo de baixa complexidade, se comparado com o setor industrial, abrange todo o processo de desenvolvimento de produto, desde a sua conceituação até a sua inserção no mercado. O desafio está em conciliar as necessidades do consumidor atual, como qualidade, custos, acesso, com os aspectos que mais caracterizam a produção artesanal, sem que ocorra a perda dos valores culturais e sociais do artesão e que este não acabe por ter suas condições de vida e de trabalho prejudicadas.

A meta deste trabalho de pesquisa propõe uma discussão sobre o desenvolvimento de produtos de base artesanal, as metodologias adotadas nesse processo e os principais atores envolvidos. Este estudo parte da hipótese de que existe uma inadequação metodológica de desenvolvimento de produtos no processo de incremento da produção, em função de incongruências socioculturais com o público trabalhado. O principal problema identificado é a descontinuidade (observada) das ações de desenvolvimento de produto que foram implementadas. A apresentação do caso Projeto Pitangaporã (capítulo 5), tem por objetivo reforçar este processo de capacitação através da pesquisa e do desenvolvimento de uma estrutura metodológica direcionada para a atividade de desenvolvimento de produtos artesanais. É uma proposta de ações integradas, interdisciplinares e interinstitucionais.

1.1 - A ENGENHARIA DE PRODUÇÃO NO SETOR ARTESANAL

“Compete à Engenharia de Produção o projeto, a implantação, a melhoria e a manutenção de sistemas produtivos integrados, envolvendo homens, materiais e equipamentos, especificar, prever e avaliar os resultados obtidos destes sistemas, recorrendo a conhecimentos especializados da matemática, física, ciências sociais, conjuntamente com os princípios e métodos de análise e projeto da engenharia”¹⁷.

Essa definição clássica, de caráter multidisciplinar, pode parecer inusitada, à primeira vista, quando se trata de artesanato ou produto artesanal. No entanto, este setor abrange todo este processo de desenvolvimento. *A atividade artesanal se projeta como um fato econômico porque, inserida no campo do trabalho, acaba por se constituir em um problema de produção*¹⁸.

Os aspectos produtivos devem ser considerados com cautela. Um novo produto pode apresentar-se como competitivo, mas se as condições de produzi-lo não estiverem bem dimensionadas, o artesão pode ter a frustração como consequência. Produtos bem conceituados e com bom acabamento, muitas vezes têm sua produção comprometida em função de ferramentas e condições de trabalho inadequadas e mão de obra desqualificada.

Alguns dos exemplos apresentados pelo Centro Tecnológico de Minas Gerais - CETEC¹⁹, em 1976, demonstram que esta discussão é uma preocupação de longa data:

17 American Institute of Industrial Engineering - A.I.I.E. e Associação Brasileira de Engenharia de Produção - ABEPRO

18 PEREIRA, José Carlos da Costa. Artesanato – definições, evolução e ação do Ministério do Trabalho – Programa Nacional de Desenvolvimento do Artesanato. Brasília: Ministério do Trabalho. 1979.

19 CETEC. *Cultura e Tecnologia*. Belo Horizonte: CETEC – Setor de Desenho Industrial. (paginação irregular) 1976.

Sabe-se que a produção artesanal de lã no Peru, a partir de trabalhos realizados recentemente, sofreu forte queda de qualidade, resultado de interferências na forma, desenhos e cores dos produtos. Numa tentativa de colocar estes produtos ativamente no mercado, a curto prazo se obteve regressão considerável na qualidade da lã obtida, na tecelagem e na decoração final das peças.

No Equador, quando se pretendeu intensificar o trabalho artesanal, voltando-o diretamente para as expectativas imediatas do mercado consumidor estrangeiro, desarticulou-se toda a produção, resultando também em redução da qualidade e comprometendo os processos, já que os anciãos detentores das técnicas não conseguiram transmiti-las aos mais jovens, já emancipados na nova tecnologia transplantada.

O setor artesanal vem passando por avaliações e reestruturações no tocante ao processo produtivo, ao produto e ao mercado. Esta movimentação vem gerando a necessidade de uma revisão nos processos de trabalho, e de aquisição de conhecimentos e práticas técnicas e de gestão aos quais o artesão não precisava estar atento anteriormente, conforme foi verificado no estudo de Safar²⁰. A Engenharia de Produção atua de maneira a integrar os aspectos humanos, econômicos, sociais e ambientais no planejamento e na organização da produção.

As técnicas produtivas são inúmeras e a cada uma cabe uma avaliação específica. Com a intensificação, em muitos casos, as condições e as formas de organização tornam-se preocupações relevantes, visto que, no setor artesanal, de uma maneira geral, predomina um sistema produtivo rudimentar. Apesar de o artesão possuir extrema intimidade com todo o processo de produção, este foi construído para a confecção de um volume reduzido de peças, aspecto inerente ao segmento. No entanto, na ânsia de atender às oportunidades oferecidas pela abertura de mercado, a espontaneidade produtiva pode transformar-se num sistema precário, de intensificação do trabalho e aumento em suas cargas física, psíquica e cognitiva²¹, decorrendo em prejuízo na qualidade final do produto e, principalmente, na saúde e moral deste trabalhador. Segundo Lima²², *o trabalho é um fenômeno complexo que interessa de múltiplas formas aos homens*. O trabalho do artesão é para ele não somente uma forma de sustento, mas tão ou mais importante, uma forma de expressão e de socialização.

Lima²³ coloca que *a ergonomia, em sua definição mais recente, aparece como uma disciplina técnica que se propõe conhecer a “atividade real do trabalho” com vistas à sua transformação*. Esta transformação, evidentemente, trata da busca pelo bem-estar do trabalhador, o que, conseqüentemente, constitui-se em motivação para a continuidade do trabalho. No caso do artesão, esta busca percorre todo o processo produtivo, ao contrário,

20 SAFAR, Gisele Hissa. *Subsídios para a Elaboração de Programas de Melhoria da Qualidade da Produção de Cerâmica Artesanal da cidade de Inhaúma, Minas Gerais*. Dissertação (Mestrado Engenharia de Produção) Escola de Engenharia, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2002.

21 WISNER, Alain. *Por dentro do trabalho - ergonomia: método e técnica*. São Paulo: FTD: Obore. 1987.

22 LIMA, Francisco de Paula Antunes. Ergonomia, ciência do trabalho, ponto de vista do trabalho: a ciência do trabalho numa perspectiva histórica. *Revista Ação Ergonômica*. Vol.1, no. 2. p 35. 2001.

23 LIMA, Op. cit.

por exemplo, da manufatura, caracterizada pelo parcelamento de tarefas, onde o trabalhador lida com operações específicas e pontuais. A abordagem da ergonomia e das demais formas de análise do trabalho é, desta maneira, um enfoque possível para busca de soluções para problemas ligados à produção artesanal a partir do olhar da engenharia de produção.

Segundo Kotler²⁴, *um motivo é uma necessidade que é suficientemente importante para levar a pessoa a agir*. Esta afirmação remete à conhecida Pirâmide das Necessidades de Maslow, que apresenta uma teoria para explicar as razões da motivação, segundo a qual as necessidades humanas estão organizadas e dispostas em níveis, numa hierarquia de importância e de influência. Na base da pirâmide encontram-se as necessidades fisiológicas e de segurança, relacionadas com a sobrevivência do indivíduo, e no topo, as necessidades relacionadas à autonomia e autodesenvolvimento, complementares às necessidades sociais.

Também o conceito de qualidade do produto artesanal é uma questão complexa. Grosso modo, poderíamos considerar que ela é constituída pelo indivíduo, pela técnica produtiva e pelo produto. Em todo o contexto que procede a estes três aspectos, destacam-se as peculiaridades morfológicas e estéticas. A qualidade no produto artesanal será abordada adiante, em uma breve discussão sobre o mercado do produto de base artesanal. O problema da produção artesanal é extenso, amplo e complexo, e pode ser abordado de diversas maneiras. Além do projeto de produto, podemos destacar as áreas ligadas às condições e organização do trabalho, aspectos do desenvolvimento organizacional em função das necessidades do artesão, e a gestão, tanto no que se refere ao sistema produtivo como à mercadologia.

Tendo em vista as experiências anteriores da autora em campo, em ações de intervenção voltadas para o design e a engenharia de produção, e a possibilidade de ação imediata mediante as demandas apresentadas pelo setor, a ênfase deste trabalho de pesquisa concentra-se nas dimensões do produto, mais especificamente, do projeto de produto, considerando-o como um aspecto integrador de todo o sistema produtivo. O processo produtivo artesanal aqui proposto como objeto de estudo refere-se à definição das tipologias de produto, adequação técnica, sistema e condições de produção, e estratégias de inserção do produto no mercado.

1.2 - ESTRUTURA DO TRABALHO

A estrutura de trabalho adotada foi elaborada com a intenção de situar o leitor no universo produtivo de base artesanal, de grande representatividade para a economia, a cultura e a sociedade.

O Capítulo 1 faz uma exposição sumária do cenário atual apresentando alguns exemplos de ações voltadas para a incremento deste segmento. O Capítulo 2 é dedicado à metodologia de pesquisa adotada neste trabalho de investigação. O Capítulo 3 tem o objetivo de apontar os principais conceitos que envolvem a atividade produtiva, buscando aspectos

24 KOTLER, Philip e KELLER, Kevin Lane. *Administração de Marketing*. São Paulo: Pearson Education do Brasil Ltda. 2005.

referenciais e delimitadores que possam orientar o desenvolvimento do setor artesanal, e apresenta-se na forma de um conciso mapeamento das características contextuais e comerciais do artesanato. O Capítulo 4 – Introdução ao estudo de caso, tem por objetivo traçar características de mercado do produto artesanal, e demonstrar, através das experiências de campo da autora desta pesquisa, a importância da sua formação para a formulação das observações apresentadas no decorrer do texto. O Capítulo 5 trata do estudo de caso denominado Projeto Pitangaporã, onde é apresentado a metodologia, o planejamento e a execução de design para o artesanato, e os resultados alcançados com esse trabalho. Tendo em vista a análise sobre a inserção da metodologia de desenvolvimento de produto, o estudo de caso apresentado busca abranger aspectos de design, produção, organização e comercialização, ou seja, da ideação até o consumidor. O Capítulo 6 apresenta uma análise dos resultados e as considerações finais sobre a pesquisa realizada, concatenada ao estudo de caso, e às potencialidades que tem sido identificadas para o setor produtivo artesanal, considerando o conceito de sustentabilidade, ou seja, de ações de continuidade pelo próprio produtor artesanal.



Figura 01 – Anjo feito com palha de milho. Diamantina.

Fonte: Centro IDE / UEMG. 2005.